

GÊNERO E TRABALHO DOMÉSTICO EM DISCURSO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

JANAINA BARELA MEIRELES¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – ninameireles234@gmail.com* 1

²*Universidde Federal de Pelotas – UFPEL – jarbas.vieira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As Escolas de Educação Infantil são um campo profissional predominantemente ocupado por mulheres, sendo assim, investigações sobre tal ocupação devem dialogar com a condição do feminino. Tendo em vista que estas docentes trabalham em condições precárias, muitas vezes em escolas de difícil acesso e com jornadas de trabalho exaustivas, elas conciliam as diferentes demandas do trabalho profissional, doméstico e atribuições familiares. Como resultado desse processo temos profissionais adoecidas e cansadas por não receberem prestígio no âmbito profissional, nem no âmbito doméstico.

Nesta perspectiva, se torna necessária a discussão sobre as implicações da entrada das mulheres no mercado de trabalho e a sua relação com a organização e distribuição de afazeres no âmbito doméstico. Tarefas que poderiam ser de responsabilidade de todos, tendo em vista que são essenciais para a manutenção da vida das pessoas, ao longo dos tempos foram naturalizadas como obrigação única das mulheres.

Pensando nessas discussões que o projeto de mestrado intitulado *Análise das relações entre sobrecarga de trabalho doméstico, saúde e gênero entre as professoras de Educação Infantil da Região Sul do Rio Grande do Sul* foi elaborado, e propõe problematizar a dupla jornada de trabalho das mulheres professoras e as implicações que esses afazeres trazem para a saúde dessas docentes que assumem atribuições tanto no espaço público como no privado.

Estudos de VIEIRA et al. (2017), PINHO e ARAÚJO (2012), BOURDIEU (1989) e FOUCAULT (1988) ajudam a compreender os discursos que compõem esse trabalho.

2. METODOLOGIA

O projeto de mestrado está sendo desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, através de análises de entrevistas feitas com 18 professoras de 9 escolas de Educação Infantil em 9 cidades da Região Sul do Rio Grande do Sul: Arroio Grande, Turuçu, São Lourenço do Sul, Pinheiro Machado, Capão do Leão, Santana do Livramento, Canguçu, Herval e Pedro Osório. São entrevistas semiestruturadas, tendo como eixo saúde e trabalho das professoras. Foram entrevistadas docentes que estavam efetivamente em sala de aula, tendo em vista que essas profissionais são aquelas capazes de melhor responder ao objetivo dessa pesquisa.

As entrevistas foram transcritas e organizadas em uma grade de categorização, privilegiando discursos que remetem as questões de saúde, trabalho e gênero.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tradicional divisão sexual do trabalho, coube às mulheres a responsabilidade pela manutenção da casa e cuidado com os filhos, e aos homens o papel de provedor. Nesse sentido, essa divisão consiste em uma das ferramentas de manutenção das desigualdades entre mulher e homem. Os movimentos feministas vieram para romper com esse pensamento, questionando essa divisão, conquistando o direito ao trabalho profissional e alterando a concepção de trabalho feminino e masculino na sociedade. As lutas desse movimento contribuíram para que as mulheres ocupassem os mais variados cargos no campo profissional.

As análises de questionários já aplicados demonstram que mesmo que essas mulheres tenham ocupado lugar no mercado de trabalho, no ambiente doméstico são elas que continuam assumindo a maior parte das tarefas domésticas, sendo os homens vistos como colaboradores ou “ajudantes”, nas palavras das entrevistadas.

(...)eu saio daqui meio dia direto para outra escola, na outra escola eu fico até as cinco. Cinco horas eu chego em casa, tem tudo da casa para fazer, o bebê para atender. Depois que faço tudo o bebê dorme, o que eu vou fazer? O que ficou pendente da escola (...) até que o pai dele ajuda bastante assim, mas não adianta, a sobrecarga maior sempre é da mulher (...) porque é histórico isso, eu acho, porque a mulher eu acho, que a gente lutou tanto pelos direitos iguais, mas agora tem os direitos de trabalhar fora, mas tem mais a casa (Professora AG2).

Discursos como este mostram o quanto está naturalizada a ideia de que é da natureza das mulheres cuidar da casa e tomar conta dos filhos. Em ambos ambientes – a escola e a casa –, a ideia de uma natureza feminina é convocada para que o processo de trabalho possa ocorrer. Identificar que tarefas domésticas e cuidado com os filhos são de responsabilidade das mulheres é algo que foi posto como verdade e incorporado pelos indivíduos, que passam a pensar e a agir conforme essas regras que foram instituídas.

O espaço doméstico se configura como um dos maiores campos de contradição e desigualdades na perspectiva de gênero, ao romper as barreiras domiciliares e ocupar espaço e função pública, as mulheres encontram-se diante de desafios, pois a concentração do trabalho doméstico em suas mãos ainda é uma realidade encontrada nas famílias.

Essa estrutura tradicional precisa ser compreendida como uma função cujo objetivo determina a relação de controle para aceitar essa sociedade patriarcal. Trata-se de compreende-la como um modelo normalizador da construção do ser homem e do ser mulher. Para FOUCAULT (1988, p. 135) “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”, com potentes efeitos de subjetivação sobre as pessoas, como pode ser lido na fala abaixo:

Realmente, a mulher trabalha bem...não que ela trabalhe mais que o homem, mas ela tem mais afazeres que o homem né, o meu marido ele me ajuda muito mas tem coisas que ele não faz (...) dobrar roupa, estender uma roupa, entendeu, limpar a casa, isso sou eu que faço. E aí é sagrado, fim de semana ele tem que sestear (Professora C2).

No excerto acima e em outras entrevistas, percebe-se que existe um privilégio do masculino sobre o feminino, demonstrando a produção desigual de poder entre homem e mulher. A naturalização das desigualdades de gênero nas relações sociais se configura como um sistema simbólico de poder, pois a mulher, nessas condições, acaba reproduzindo o destino social traçado por essas diferenças. De acordo com Bourdieu (1989, p. 7) “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Assim sendo, é preciso problematizar a condição de subalternidade que a mulher ainda éposta, principalmente com relação a sobrecarga de trabalho, tendo em vista que além de se apropriar do espaço público também tem por atribuição a esfera privada.

Diante desse quadro, não soa estranho quando a literatura aponta que o aumento dos Transtornos Mentais Comuns vem se destacando principalmente entre as mulheres. Em pesquisas já realizadas na área de trabalho e saúde, Pinho e Araújo (2012) apontam que Transtornos Mentais Comuns mais frequentes são aqueles relacionados a sintomas de ansiedade, humor depressivo, insônia, anorexia nervosa e sintomas psicofisiológicos, e ainda, Vieira et al. (2015) destaca que 46,6% das professoras de Escolas Públicas Municipais de Educação Infantil consomem algum tipo de medicamento para poder enfrentar a rotina de trabalho.

4. CONCLUSÕES

Considerando que o trabalho doméstico é uma atividade fundamental para a existência humana, é necessário revisá-lo enquanto uma prática social, torná-lo visível, desvinculando-o de sua naturalização e invisibilidade social. Considerar normal que a mulher deve dar conta de todos os afazeres é aceitar viver em uma sociedade patriarcal, onde o masculino domina sobre o feminino. Reflexões a cerca dessa desigualdade de gênero são necessárias. É claro que já se pode notar avanços, que a passos lentos estão se estendendo, porém, é preciso considerar os efeitos normalizadores enraizados como uma tecnologia de poder na vida da sociedade.

A dominação masculina e a submissão feminina foram construções sociais que se naturalizaram, e mesmo as mulheres conscientes dessa opressão, dessa desigualdade da divisão do trabalho doméstico, continuam trazendo para si as responsabilidades do âmbito privado. No caso dessa pesquisa seus efeitos são de reprodução dessa desigualdade de gênero e de crescimento do adoecimento na categoria.

O rompimento dessas amarras de gênero na esfera doméstica é um dos grandes desafios postos em nossa sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade do saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

PINHO, Paloma de Sousa. ARAÚJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2012.

VIEIRA, Jarbas Santos. Trabalho e saúde das professoras de Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais da Região Sul do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://issuu.com/trabalhodocentesaudade/docs/caderno_23.11.2015. Acessado em 26/09/2017.